Tese â€œPovos da Europa Unidos contra a austeridadeâ€•

Tese aprovada na VIII ConferÃªncia Nacional da UDP, reunida em Almada, 7 e 8 de dezembro de 2013. Ver tambÃ©mÂ â€œDe teses sobre a UDP e o Bloco no tempo das TendÃªnciasâ€•.

1. As constituiÃ§Ãµes europeias do pÃ³s-Segunda Guerra Mundial, e mais tardiamente a portuguesa conquistada na sequÃªncia do 25 de Abril de 1974, consagraram em diferentes graus uma cidadania com direitos sociais e laborais. O forte movimento operÃ¡rio e a necessidade de o conter no contexto da Guerra Fria, a necessidade de mÃ£o-de-obra qualificada e diferenciada a nÃ-vel tÃ©cnico e superior, a reconstruÃ§Ã£o europeia e o relanÃ§amento econÃ³mico pelo desenvolvimento da produÃ§Ã£o e do consumo interno foram fatores geradores dos Estados Sociais europeus, um recuo das burguesias.

Â

2.Â O Estado Social, filho entÃ£o dessas lutas operÃ¡rias, Ã© a marca identitÃ¡ria da Europa Ocidental do pÃ³s-guerra. SÃ£o as suas conquistas, direitos e garantias que continuam sob ameaÃ§a das polÃ-ticas de austeridade promovidas por todos os governos da Europa, tendo em vista uma mudanÃ§a do regime social e econÃ³mico por todo o continente, agravando os ataques que marcaram a ascensÃ£o do neoliberalismo.

Â

3.Â A construÃ§Ã£o da UniÃ£o Europeia Ã© um projeto do capital, nÃ£o Ã© neutro ideologicamente nem um espaÃ§o de conciliaÃ§Ã£o de classes. A integraÃ§Ã£o europeia pactuada entre a social-democracia e a direita nasceu contra os povos e quando, hoje, o capital impÃµe a austeridade como forma de recuperaÃ§Ã£o da sua crise, fÃ¡-lo contra o Estado Social e o salÃ¡rio, fÃ¡-lo em retaliaÃ§Ã£o contra as conquistas dos trabalhadores, para destruir os regimes constitucionais e substitui-los por outros, em tudo mais recuados: nos direitos civis como na exploraÃ§Ã£o. Tanto mais brutais na exploraÃ§Ã£o capitalista como mais conservadores e opressores na dominaÃ§Ã£o de classe.

Â

No imperialismo global, na atual crise do capitalismo, os direitos laborais e os estados sociais europeus tornaram-se alvos a abater. A guerra de classes quer rebaixar o fator trabalho e esmagar qualquer possibilidade dos trabalhadores virarem o jogo.

Â

4.Â A UDP sempre afirmou que o projeto da burguesia europeia era o de ataque ao modelo social europeu e o aumento da exploraÃ§Ã£o. O Tratado de Lisboa Ã© um dos expoentes dessa visÃ£o. Nele se delineiam todas as regras de contraÃ§Ã£o orÃ§amental que legitimam a austeridade. Ã‰ ele que afirma um Banco Central Europeu nas mÃ£os do capital financeiro e do diktat alemÃ£o, orientado apenas para a

estabilidade de preÃ§os e sem qualquer controlo democrÃ¡tico. Ã‰ este tratado que afirma o diretÃ³rio e a arquitetura de poder que nasce do centro da Europa e submete os povos do sul. Ã‰ ele que afirma veementemente a submissÃ£o da Europa Ã NATO. Foi um tratado de molde liberal e militarista que nunca enganou os povos. Por isso mesmo, as elites europeias fugiram ao sufrÃ¡gio popular. Apenas cinco povos se pronunciaram sobre este tratado e desses, trÃªs rejeitaram-no. Em Portugal foi um governo do PS que impediu o referendo.

Â

5. Â O Tratado OrÃ§amental Ã© a agudizaÃ§Ã£o do caminho europeu da austeridade. Criado no pico da crise europeia, surgiu como afirmaÃ§Ã£o da subjugaÃ§Ã£o dos povos ao mundo da finanÃ§a. Novamente os cidadÃ£os foram impedidos de se pronunciarem. A burguesia criou regras de ouro para a acumulaÃ§Ã£o e para a destruiÃ§Ã£o do Estado Social europeu. A imposiÃ§Ã£o de regras sobre o dÃ©fice e sobre a dÃ-vida Ã© a consagraÃ§Ã£o de garrotes administrativos para alcanÃ§ar avanÃ§os polÃ-ticos e ideolÃ³gicos. A narrativa da direita estÃ¡ jÃ¡ criada: as regras do Tratado OrÃ§amental sÃ£o as regras da manutenÃ§Ã£o do euro, e a ruÃ-na dos paÃ-ses economicamente mais frÃ¡geis.

Â

6.Â A ComissÃ£o Europeia apresenta a EstratÃ©gia Europeia 2020 como â€œsaÃ-da para criseâ€•. Sublinhe-se contudo que nÃ£o tirou consequÃªncias do falhanÃ§o do Pacto de Estabilidade e Crescimento e da EstratÃ©gia de Lisboa. Os trabalhadores e os povos saÃ-ram gravemente lesados dessas estratÃ©gias que sÃ£o a ruÃ-na dos salÃ¡rios, dos serviÃ§os pÃºblicos e propriedade pÃºblica: com claras consequÃªncias negativas na procura interna, no aumento da dÃ-vida pÃºblica e das desigualdades sociais e entre Estados-membros.

A via da desvalorizaÃ§Ã£o e da precarizaÃ§Ã£o do trabalho agravou o desemprego ao nÃ-vel da UE (26 milhÃµes) sendo os jovens os mais atingidos. Ao mesmo tempo, o ataque do capital, na busca de novos mercados de acumulaÃ§Ã£o, tem-se ainda Ã© voraz perante os monopÃ³lios naturais e outros necessÃ¡rios a Estado social, como a saÃºde, educaÃ§Ã£o ou os sistemas pÃºblicos de seguranÃ§a social.

Esta guerra de classes une as burguesias europeias contra os povos da Europa. A precarizaÃ§Ã£o do trabalho Ã© instrumento do dumping social, tanto nos mini-jobs com salÃ¡rios a menos de 400 euros da Alemanha como nos correspondentes em Portugal (310 euros).

A EstratÃ©gia europeia 2020 constitui uma nÃ£o resposta, face aos Planos que cada paÃ-s Europeu estÃ¡ a adotar para o cumprimento ou nÃ£o do Pacto de Estabilidade e o agora Tratado OrÃ§amental, das polÃ-ticas ditas de flexiguranÃ§a e dos cÃ³digos de trabalho, pondo em causa o contrato social do pÃ³s-guerra, juntando ainda mais austeridade Ã austeridade e crise Ã crise.

7. Â A

profundidade da crise que Ã© nÃ£o apenas financeira mas tambÃ©m econÃ³mica, polÃ-tica
Â e social. A tudo recorre o capital
especulador para parasitar as economias e o saque financeiro contra os povos,
ao mesmo tempo que aumenta a exploraÃ§Ã£o sobre o trabalho. A desregulaÃ§Ã£o
financeira deu lugar Ã incerteza dos mercados e a crise rapidamente contaminou
as economias reais. Segundo a OIT hÃ¡ 200 milhÃµes de desempregados em 2012 e
muitos milhÃµes de trabalhadores estÃ£o na precariedade em todo o mundo.

Â§Â A crise colocou em evidÃªncia o facto de o impÃ©rio
ter entrado em recomposiÃ§Ã£o, assumindo-se o G2 (EUA e a China) com maior
preponderÃ¢ncia no domÃ-nio mundial. A China tornou-se o centro de recomposiÃ§Ã£o
do capitalismo e em conjunto com outros paÃ-ses asiÃ¡ticos provocaram uma
alteraÃ§Ã£o no sistema produtivo mundial, pressionando os chamados Â«mercados de
trabalhoÂ» da UE e dos EUA.

Â

8. Â O projeto federador europeu, aprofundado
em todos os tratados, Ã© atualmente dirigido pelo ultra-nacionalismo alemÃ£o, que
tem no Euro o seu novo Marco. O reforÃ§o dos mecanismos de controlo e de poder
da UniÃ£o Europeia e do Banco Central Europeu, tal como todas as intenÃ§Ãµes
federativas, tÃªm como fim o reforÃ§o da centralizaÃ§Ã£o do poder em Berlim, ultimamente em desfavor de Paris. Onde
nÃ£o hÃ¡ igualdade entre povos
soberanos, o imperialismo das potÃªncias avanÃ§a. desenvolvimento mesmo desigual entre eles. O controlo
central dos orÃ§amentos dos estados nacionais Ã© um mecanismo de subordinaÃ§Ã£o,
gerador de divisÃµes.

Â

9.Â Do ponto de vista popular, a UE nÃ£o tem
capacidade de resposta Ã crise, Ã© parte do problema. A falta de legitimidade
democrÃ¡tica Ã© naturalmente o verso da Europa do capital: sÃ³ tem que se
acreditar perante a burguesia e nunca perante o povo. Uma construÃ§Ã£o contra os
povos nÃ£o pode ser democrÃ¡tica. Ã‰ hoje o principal instrumento de destruiÃ§Ã£o de
regimes sociais.

Â

A UniÃ£o Europeia enfrenta uma crise de legitimidade sem precedentes.
Depois de se ter imposto de costas viradas aos povos, agora os povos ameaÃ§am
agora tirar a confianÃ§a Ã UniÃ£o Europeia. A construÃ§Ã£o europeia Ã© a
camisa-de-forÃ§a da austeridade sobre os povos. O clima a que se assiste Ã© o de
velÃ³rio do projeto europeu.

10.Â Â O triunfo do austeritarismo e a nova vaga conservadora tÃªm provocado
alteraÃ§Ãµes significativas no mapa polÃ-tico-partidÃ¡rio da Europa. De forma geral
pode-se afirmar que o centro tem-se movido para a direita. Os partidos liberais
tradicionais, com forte enraizamento histÃ³rico nos paÃ-ses de capitalismo mais
avanÃ§ado do centro europeu, tÃªm sofrido pesadas derrotas polÃ-ticas - ficando
mesmo de fora do Bundestag alemÃ£o pela primeira vez na histÃ³ria. A
social-democracia pouco se distingue da direita tradicional. Se nas Ãºltimas
duas dÃ©cadas se redesenhou Ã custa da terceira via blairista social-liberal,
hoje reproduz obedientemente todos os ditames da polÃ-tica de austeridade onde
se encontra no governo. Mesmo na
FranÃ§a, onde o PS tem maioria absoluta e governa uma potÃªncia, Hollande,

exibido como o flop da social-democracia, estÃ¡ sob fogo dos seus parceiros de Ã¡rea polÃ-tica.

Â§Â A hegemonia polÃ-tica estÃ¡ num plano inclinado Ã direita. O panorama europeu dÃ¡-nos boa nota destas transformaÃ§Ãµes concretas, pois a dominaÃ§Ã£o de classe impÃµe alteraÃ§Ãµes ideolÃ³gicas: os conservadores triunfam e os sociais-democratas definham no liberalismo. Mesmo o PS francÃªs faz notÃ³rias cedÃªncias ao conservadorismo. Os conservadores entrelaÃ§am-se com a direita mais reacionÃ¡ria entre a direita democrÃ¡tica e a extrema-direita, como na FranÃ§a e na ItÃ¡lia.Â Â Onde isto nÃ£o acontece, como na FinlÃ¢ndia, o campo democrÃ¡tico une-se contra a direita mais fascista.

Â§Â A UniÃ£o Europeia nÃ£o podia ser indiferente a estas movimentaÃ§Ãµes ideolÃ³gicas. Ã‰ a onda conservadora e reacionÃ¡ria que esta a colocar em xeque a UE por se basear no nacionalismo. O debate do fecho de fronteiras Ã© apenas a sua expressÃ£o mais visÃ-vel.Â Tal como dizia a UDP na sua VII conferÃªncia â€œquanto mais intensa Ã© a ofensiva para a destruiÃ§Ã£o dos direitos sociais, maiores sÃ£o os riscos que correm os direitos democrÃ¡ticosâ€•.

Â

11.Â Na ausÃªncia de fortes movimentos de esquerda, os termos do debate polÃ-tico sÃ£o ganhos cada vez mais Ã direita. A recente vaga de extrema-direita na Europa jÃ¡ nÃ£o Ã© composta por grupos marginais. TÃªm legitimidade eleitoral e um programa permeÃ¡vel Ã cultura de massas. Aspiram a ser partidos de poder. Por isso sÃ£o capazes de captar o voto popular e muitas vezes rouba-lo Ã esquerda.Â SÃ£o movimentos identitÃ¡rios, com ultra-nacionalismo estreito e reacionÃ¡rio, tÃªm um agitprop adaptado Ã crise, contra a corrupÃ§Ã£o do sistema politico, os privilÃ©gios e a finanÃ§a, tÃªm nos imigrantes e nas minorias Ã©tnicas e sexuais os seus bodes expiatÃ³rios. Quando hÃ¡ crise procuram-se culpados. Ou a esquerda Ã© eficaz a apontar os banqueiros e a alta finanÃ§a ou a extrema-direita encontrarÃ¡ os seus culpados.

12.Â O apelo Ã ordem Ã© convidativo em tempos de caos polÃ-tico, indefiniÃ§Ã£o e instabilidade social, a confusÃ£o entre o que estÃ¡ em crise: se o sistema capitalista ou o sistema democrÃ¡tico.Â Ã‰ o espaÃ§o do voto antissistema, que confronta o poder com a sua falta de legitimidade popular. Temos de alertar: a pÃ³s-democracia que a extrema-direita reclama jÃ¡ tem aplicaÃ§Ã£o na Hungria onde vigora uma ditadura dissimulada.

Â

13.Â Para a esquerda construir barreiras ao ascenso de velhos fantasmas e capitalizar o descontentamento para o seu lado da barricada precisa de defender a democracia, ser intransigente no seu aprofundamento, reforÃ§ar a sua postura antissistÃ©mica, demonstrando claramente a raiz da crise capitalista. Ã‰ chegado o tempo das revoluÃ§Ãµes cidadÃ£s. As lutas sociais, dos sindicatos e outros movimentos sociais, sÃ£o a via certa. As lutas sociais podem ser trampolim para a recuperaÃ§Ã£o e crescimento dos partidos de esquerda na Europa. E as lutas sociais tÃªm a densidade, a tradiÃ§Ã£o e a capacidade para o fazer ao longo de toda a zona euro e mesmo da UniÃ£o.

Â

14.Â A proposta
europeÃ-sta de esquerda Ã© a da refundaÃ§Ã£o democrÃ¡tica da Europa. A exigÃªncia de uma Europa que nÃ£o seja a fonte da austeridade Ã© a da rejeiÃ§Ã£o do Tratado de Lisboa e do Tratado OrÃ§amental. Essa Ã© a estratÃ©gia do Partido da Esquerda Europeia cujo reforÃ§o Ã© vital para as alianÃ§as sociais alternativas no quadro europeu. A esquerda nÃ£o se prenderÃ¡ a uma polÃ-tica de melhorias de uma arquitetura europeia caduca. O objetivo Ã© o de tornar possÃ-vel a verdadeira Europa dos Povos. A burguesia quis impor a Europa da austeridade e da FinanÃ§a; a esquerda afirma a Europa do progresso e dos direitos sociais.

Â

15.Â Ã‰ imperioso conjugar situaÃ§Ãµes
tÃ£o dÃ-spares a diversos nÃ-veis e com condiÃ§Ãµes objetivas diferenciadas em cada um dos paÃ-ses, esta urgÃªncia tem de estar sempre presente no horizonte do sujeito polÃ-tico europeu, em alianÃ§a cidadÃ£ com os movimentos sociais e sindical. A complexidade da situaÃ§Ã£o mundial e a crise econÃ³mica e social em que vivemos assim o exige.

Â§Â A resposta deve desenvolver-se Ã altura da
ofensiva, isto Ã©, em escala nacional e europeia. O caminho da luta mais geral europeia contra a austeritarismo e pelo modelo social europeu, tem que colocar na ordem do dia, a unidade e a convergÃªncia do povos e dos trabalhadores e das trabalhadoras, contribuindo para uma alteraÃ§Ã£o na relaÃ§Ã£o de forÃ§as na Europa.

A esquerda europeia deve avanÃ§ar como oposiÃ§Ã£o e alternativa
nesta crise do sistema polÃ-tico-econÃ³mico. O caminho Ã© o da transformaÃ§Ã£o social numa alianÃ§a dos povos europeus contra austeridade. O
caminho imediato Ã© o da rejeiÃ§Ã£o do Tratado OrÃ§amental. A derrota do Tratado OrÃ§amental Ã© a derrota da orientaÃ§Ã£o reacionÃ¡ria da troika. A troika Ã© a cara da Europa atual.Â